

MIRE E VEJA: (des)nascimento do sujeito nas tramas do texto literário: uma leitura do conto “O espelho”, de Guimarães Rosa

Vinícius Lourenço LINHARES¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo ler o conto **O espelho**, de Guimarães Rosa (2005), focalizando a questão do imaginário, em termos psicanalíticos, em sua relação com a construção enunciativa do texto, que sugere o nascimento de um novo e outro sujeito. Para tanto, foram utilizados aportes teóricos oriundos da teoria da enunciação a partir de Benveniste (1989), assim como categorias de constituição do sujeito pelo viés da psicanálise, a saber: o real, o simbólico e o imaginário a partir de Fages (1971). O intuito do trabalho é uma leitura de caráter crítico e, por isso, entrelaçaram-se fundamentações teóricas e a prática analítica do conto.

Palavras-chave: Enunciação. Imaginário. Sujeito.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A cultura é composta por valores, crenças, ritos celebrados e costumes cultivados e construídos por determinada sociedade. No bojo desses valores, o sujeito cresce e através das interações estabelecidas com a cultura em que está imerso aprende determinados comportamentos, é educado para ter certas reações e suas ações quase sempre se limitam a um conjunto paradigmático da própria cultura. O próprio étimo da palavra – do latim *subjectus*, participio passado de *subicere* – já sinaliza para o estatuto de sujeição do sujeito a algo, no caso, à cultura.

Goulart (1998) discute exatamente como as forças impostas pela cultura achacam o sujeito e, em termos de produção artística, em especial da obra literária, o crítico afirma que as forças impiedosas do mundo simbólico impedem o sujeito de alcançar originalidade. Trabalhando com as considerações sobre mente profunda e de superfície a partir da psicanálise, Goulart (1998) destaca que são as formas inarticuladas – aquelas oriundas da mente profunda e que, portanto, não são formatáveis – responsáveis por conferir uma ação verdadeiramente original no processo de criação da obra artística,

¹ Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa. Professor do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), Campus Congonhas. Bolsista do CNPq. **E-mails:** vinicius.linhares@ifmg.edu.br e/ou vini1460@yahoo.com.br

rasgando paradigmas impostos pela cultura, subvertendo modelos e ideologias. As formas inarticuladas representam um mergulho que o sujeito faz à mente profunda, refém das sinalizações feitas pelo inconsciente, que, em sua essência, não se deixa capturar pelo simbólico, embora seja apenas através do simbólico que o sujeito tenha acesso aos conteúdos inarticulados da mente profunda. Conforme afirma Goulart (1998), a cultura, representada pelo mundo simbólico

[...] exerce uma influência enorme sobre os indivíduos, a ponto de, muitas vezes, ser impossível às pessoas qualquer forma de originalidade. Em geral, o que se faz, no mundo da cultura, é repetir o que já está posto e estabelecido como modelo ou padrão de comportamento, como forma de ver e interpretar a realidade. Isso acaba produzindo, nos indivíduos, um nivelamento que os torna semelhantes no que se refere à maneira de reagir diante dos estímulos e emoções que os alcançam. (GOULART, 1998, p. 53).

Considerando a proposição do crítico e, mais do que isso, concordando com sua tese, é possível dizer que o sujeito é alienado à cultura de que é participante. Enredado pelos tentáculos culturais, o sujeito, geralmente, não consegue vislumbrar outras possibilidades de representar a si mesmo, o outro e o mundo diferentes dos modelos oferecidos pela cultura. Um exemplo bastante conhecido para ilustrar a face alienante da cultura é a alegoria da caverna narrada por Platão [19--]. Segundo a narrativa do filósofo grego, um grupo de pessoas, vivendo em uma caverna desde que nasceram, é acorrentado de costas para a entrada, sem poder se mover. Essas pessoas são forçadas a olhar somente para a parede do fundo da caverna, onde são projetadas sombras de outros homens que, além do muro, mantêm acesa uma fogueira. Pelas paredes da caverna também ecoam os sons que vêm de fora de modo que os prisioneiros, associando-os, com certa razão, às sombras, pensam ser os sons as falas das sombras e, por isso, julgam que elas sejam a realidade.

Essa alegoria ilustra bem as amarras a que o homem está preso pela força da cultura. Platão [19--] finaliza a alegoria mencionando a possibilidade de um dos prisioneiros escapar e sair da caverna. Essa fuga representaria vislumbrar outras realidades. E é exatamente esse movimento que se observa na literatura, dado seu potencial como discurso aberto a múltiplas encenações da realidade e, por isso, é plausível pensar a literatura como essa possibilidade de romper com os grilhões da cultura, embora não exista rompimento total uma vez que o homem tem suas ações

delimitadas pelas próprias coerções culturais.

Esse potencial discursivo da literatura deságua em sua força de ação. Não que a literatura torne o homem melhor em termos maniqueístas, conforme bem aponta Antonio Candido (2004) em seu magistral ensaio **O direito à literatura**, de 1988. A força de ação da literatura reside no fato de que ela faz descortinar outros pontos de vista, outros ângulos, outras perspectivas até então impensadas. Outro ponto de sua força está no fato de que ela não tampona as angústias humanas. Ao contrário de outros discursos que trazem mensagens de conforto, reiterando a célebre máxima de que tudo vai ficar bem no final e que “todos foram felizes para sempre”, o discurso literário expõe e lida com as angústias que assolam o homem. Angústias relativas à sua existência, à procura por sentidos para a vida e à incansável busca por uma identidade, traduzida pela questão que consome o humano com voracidade: quem sou eu?

As considerações tecidas acima desembocam, e abrem alas, para o objetivo central deste trabalho: ler analiticamente o conto **O espelho**, de Guimarães Rosa (2005), focalizando a questão do imaginário em sua relação com a construção enunciativa do texto, que sugere o nascimento de um novo e outro sujeito. Por causa desse objetivo, uma hipótese de leitura se instala: no conto de Rosa (2005), parece existir uma tentativa do narrador, através de um mergulho no imaginário (estádio do espelho), de buscar uma identidade diferente daquela que o espelho, entendido como metonímia da cultura, lhe fornece. Delimitado, portanto, o objetivo de leitura e, antes de iniciar o trabalho analítico, farei breves considerações acerca de pontos teóricos necessários à análise que será proposta.

2 REAL, SIMBÓLICO E IMAGINÁRIO

Um dos pontos centrais nos estudos de Lacan diz respeito à constituição do sujeito a partir da tripartição real, simbólico e imaginário. (FAGES, 1971). Essas instâncias, longe de estarem apartadas, estão integradas, e são responsáveis por uma concepção de sujeito que, mesmo ascendendo à linguagem, é atravessado por outras instâncias que o constituem. Em linhas gerais, e também bastante simplificadas, essas três instâncias podem ser assim resumidas:

LINHARES, V. L. Mire e veja: (des)nascimento do sujeito nas tramas do texto literário: uma leitura do conto “O espelho”, de Guimarães Rosa. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 2, p. 105-120, dez. 2015.

REAL: é aquilo para sempre perdido, que não foi simbolizado, resta a ser simbolizado e que resiste à simbolização.

IMAGINÁRIO: é a imagem que o indivíduo faz de si mesmo. Corresponde à Fase do Espelho.

SIMBÓLICO: mundo da cultura, mundo da sociedade, mundo da linguagem ao qual o ser, tornado sujeito, ascende. A castração imposta pelo pai estabelece o primado da lei.²

Como pode ser percebido, o sujeito vive envolto no/pelo simbólico. Isso porque faz parte de uma cultura e para participar da vida em sociedade é preciso fazer um pacto: introjetar a lei paterna; o que significa abrir mão da mãe e realizar a troca de mulheres de clãs distintos daqueles a que pertence o indivíduo. Esse pacto, por sua vez, embora traga benefícios (ninguém é autossuficiente e por isso mesmo a vida em sociedade se faz necessária), também assola o sujeito justamente porque ele abre mão de instâncias fulcrais que o constituem como sujeito segundo a perspectiva psicanalítica. Abrir mão não quer dizer superar, passar adiante, deixando para trás. Jamais se supera o imaginário, que, de resto, atravessa o sujeito por toda a vida.

O imaginário é a instância que traz todas as reminiscências de despedaçamento do ser antes de se tornar sujeito. O homem, antes de ascender à linguagem, é despedaçado, dividido, pois ainda não tem a noção de unidade a que a **superação** do estágio do espelho vai impor a ele. Dizer **eu** nada mais é do que assumir uma unidade, distanciar-se de si mesmo, objetivando-se, para se inserir no jogo da cultura, no mundo da linguagem. É, portanto, individualizar-se, conforme a própria etimologia da palavra faz referência: **indivíduo** quer dizer não dividido. No entanto, mesmo assumindo uma unidade quando se diz **eu**, o sujeito é sempre múltiplo, despedaçado, atravessado tanto pelo imaginário, quanto por tudo que resiste à simbolização, o real. Em diálogo com a literatura, as três instâncias mencionadas podem ser pensadas a partir de aspectos estéticos envolvidos no processo de produção e recepção dos textos literários. Sobre esse ponto será dedicada a próxima seção.

² Esta síntese foi elaborada a partir de Fages (1971).

3 A ESTÉTICA E A DIMENSÃO PERENIZADORA DO TEXTO LITERÁRIO

O título desta seção suscita uma questão: o que torna o texto chamado literário perene? Existiria alguma propriedade inerente a esse tipo produção que o distinguiria de outros textos? Pelos limites deste artigo, não cabe aqui uma discussão mais aprofundada sobre tais questões. No entanto, pelo fato de elas estarem diretamente ligadas à questão de perenidade do texto literário, cabe, portanto, mencioná-las, uma vez que irão borderjar alguns pontos desta seção.

Como tentativa de desenvolver tal dimensão, realizo um diálogo com algumas considerações feitas por Goulart (2015) em seu texto **Entrando no terreno da fruição do texto: os mecanismos da estética**. Inicialmente o autor aborda a etimologia do termo estética que, oriundo do grego, diz respeito aos processos da sensação e da percepção do sujeito. No entanto, fixar-se apenas no terreno etimológico do termo é simplificar, ou mesmo banalizar, os complexos estudos que envolvem a estética. Em seu texto, Goulart (2015) discute conceitualmente o termo, mencionando os principais autores, sobretudo filósofos, que se dedicaram a essa questão, mostrando que a discussão envolvendo a estética é bastante espinhosa, sobretudo porque mensurar a percepção e sensação pelas quais o sujeito passa, ou é acometido, não é uma tarefa para a qual se tenham fórmulas ou algoritmos. Ao contrário, é de caráter essencialmente subjetivo justamente por ser “difícil traduzir com palavras como se processam a sensação e o sentimento de um indivíduo diante de um objeto que o impressiona” (GOULART, 2015).

Além disso, conforme mostra Goulart (2015), as conceituações do belo sempre esbarram em questões que tornam imensamente difícil, através de um conceito, defini-lo de modo assertivo, visto que inúmeras questões confluem ao se discutir o belo. No entanto, após constatar que nas principais tentativas de conceituar o belo existem duas variantes que se repetem, a saber, “a) o belo desperta uma emoção agradável ao sujeito; b) as propostas que procuram caracterizar o belo estão condicionadas pelas convicções de épocas e lugares distintos” (GOULART, 2015), o crítico, a partir das formulações de Friedrich Schiller (1991 apud GOULART, 2015), que, em síntese, trata a estética como um processo capaz de produzir harmonia entre os princípios contrastantes de que o homem é alvo, traz a formulação de Schiller para a leitura do texto literário. Segundo Goulart (2015), esse efeito estético harmonizador proposto por Schiller é capaz de gerar

deleite no sujeito diante de algo que o agrada imensamente.

No campo da produção literária, a estética, considerando a proposta de Schiller (1991 apud GOULART, 2015) opera sua ação a partir da forma, a *Gestalt*, assumida pelo objeto estético. Em outros termos, são as formas que encapsulam o conteúdo do texto literário as responsáveis por afetar o leitor, sugerindo-o múltiplos movimentos de leitura. Essas formas, no caso de produções verbais, que têm como matéria-prima a palavra em sua expressão dada pela conjunção *significante/significado*, são as responsáveis por tornar o texto literário duradouro e é justamente isso que respalda a associação entre a estética relacionada à dimensão perenizadora do texto literário. Realizada essa exposição teórica, passemos, agora, à análise proposta no início deste artigo. Início-a realizando uma breve paráfrase do conto **O espelho**, de Guimaraes Rosa (2005).

4 O QUE SE CONTA NO CONTO “O ESPELHO”

Narrado em primeira pessoa, o conto **O espelho**, de Guimaraes Rosa (2005), se estrutura a partir da interpelação feita pelo narrador a um interlocutor marcado, textualmente, pelo pronome **senhor**, que é indagado sobre o que é um espelho para além das concepções da física e das leis da óptica. O questionamento do narrador é feito considerando a perspectiva do transcendente. Citando os vários tipos de espelhos de que a física trata (planos, côncavos e convexos) o narrador traz o seguinte ponto como questão central: havendo tantos tipos de espelho, e todos com a propriedade de refletir o homem, qual, dentre os muitos espelhos, fornece o verdadeiro reflexo do homem? Assim diz o narrador: “O espelho, são muitos, captando-lhe as feições; todos refletem-lhe o rosto, e o senhor crê-se com aspecto próprio e praticamente imudado, do qual lhe dão imagem fiel. Mas — que espelho?” (ROSA, 2005, p. 61). A partir dessa questão, o narrador relata que realizou uma experiência que o induziu a séries de raciocínios e intuições na tentativa de responder a essa questão posta.

Em função do tom de argumentação do conto, devido ao fato de o narrador defender uma tese a partir de um experimento realizado, Rosa (2005) constrói um narrador que vai tateando seu interlocutor, antecipando seus possíveis questionamentos como refutação à questão colocada por esse narrador bastante eloquente. Dois

argumentos centrais são antecipados pelo narrador: as fotografias comprovam quem nós somos “no visível” (ROSA, 2005, p. 61). O narrador recusa tal argumento dizendo que ainda que várias fotos sejam tiradas seguidamente, os retratos sempre serão distintos; “qualquer pessoa pode, a um tempo, ver o rosto de outra e sua reflexão no espelho” (ROSA, 2005, p. 62). Tal premissa também é refutada pelo narrador por dois motivos: a simultaneidade torna-se impossível, no fluir de valores instantâneos; existem deformações de ordem psicológica (o que tem a ver como cada um percebe o que vê) e por fim os olhos são a porta do engano.

Em um segundo momento, depois de preparar seu interlocutor com as ilações sobre o espelho e a questão trazida como dúvida, o narrador põe-se, de fato, a relatar sua experiência. Estando ele em um lavatório, depara com dois espelhos e, ao olhar-se, de imediato, vê uma figura humana desagradável com a qual não se identifica. Depois disso, o narrador diz que começou a procurar “o eu por detrás de mim” (ROSA, 2005, p. 63) e para tanto levou meses. Ele tem uma crença de que existiria uma outra realidade por trás da imagem especular. Existe, inclusive, uma ideia de essência que transcende a aparência. Esta sendo um reflexo turvado daquela. De seu experimento, o narrador diz que tentou várias maneiras de olhar sua imagem no espelho, parecendo querer encontrar uma imagem, ver a si mesmo sem ser mediatizado pelo olhar do outro. Após resolver abandonar seus experimentos, o narrador fica meses sem se olhar em qualquer espelho e, ao voltar a fazê-lo, não se viu refletido. Anos depois, ao se ver diante do espelho, o narrador demora um tempo para poder ver o que estava sendo refletido.

5 O ESPELHO SÃO MUITOS

É desnecessário reiterar o acurado trabalho com a linguagem em textos rosianos. Em função desse trabalho estético realizado por Rosa, a leitura de seus textos demanda investimento e fôlego. No conto **O espelho** não é diferente. A forma dada por Rosa (2005) ao conto impele o leitor a experienciar uma estética dificilmente percebida em outros textos. Iniciemos a leitura dessa forma a partir do problema colocado pelo narrador:

O espelho, são muitos, captando-lhe as feições; todos refletem-lhe o rosto, e o senhor crê-se com aspecto próprio e praticamente imudado, do qual lhe dão

imagem fiel. Mas — que espelho? Há-os «bons» e «maus», os que favorecem e os que detraem; e os que são apenas honestos, pois não. **E onde situar o nível e ponto dessa honestidade ou fidedignidade? Como é que o senhor, eu, os restantes próximos, somos, no visível?** (ROSA, 2005, p. 61, grifos meus).

Como pode ser percebido, a questão levantada pelo narrador remonta à questão fulcral do ser humano: quem sou eu? A incansável busca pela identidade. As duas questões levantadas, e salientadas no excerto acima, bem como o primeiro grifo, podem ser sintetizadas como a ideia da existência de algo essencial, original. Uma gênese relativa à existência humana. Talvez pensar em uma **imagem fiel** quando do reflexo do homem no espelho é fazer jogo com a infinitude de reflexos produzidas por um espelho. E refletir sobre essas questões colocadas pelo narrador, a princípio, pode parecer um disparate, tamanho é o ato corriqueiro de se olhar em um espelho. Mas das perguntas mais óbvias, nesse caso mais inusitadas do que óbvias, é que brotam novas perspectivas, afrouxando os tentáculos culturais que amarram o sujeito. O próprio narrador sinaliza isso: “Se nunca atentou nisso, é porque vivemos, de modo incorrigível, distraídos das coisas mais importantes.” (ROSA, 2005, p. 61). Viver distraído pode ser lido como estar alienado à cultura.

Em seguida, o narrador continua: “E as máscaras, moldadas nos rostos? Valem, grosso modo, para o falquejo das formas, não para o explodir da expressão, o dinamismo fisionômico.” (ROSA, 2005, p. 61). Aqui se encontra a posição defendida pelo narrador de que o sujeito é “vitimado” pela cultura, pelas máscaras com que precisa se travestir para entrar no jogo da vida social. Tais máscaras, falquejadas (lapidadas), forjadas no seio da cultura impedem o sujeito de assumir **dinamismo fisionômico**, que poderia ser justamente ações humanas para além das forças de cerceamento cultural.

Dando seguimento à sua exposição, o narrador prossegue enfatizando o fato de o sujeito estar preso à cultura, cegado por ela: “os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem, defeitos com que cresceram e a que se afizeram mais e mais.” (ROSA, 2005, p. 62). Os olhos, **a porta do engano**, são **viciados** a um determinado tipo de olhar e romper esse modelo é uma ação dolorosa, que pode cegar o sujeito ao lhe se descortinar outra realidade, ou possibilidades de realidades.

Na proposta enunciativa do conto, encenada pela eloquência do narrador, o leitor tem a possibilidade de finalizar a travessia da narrativa reavivado, renascido após a gestação promovida pela leitura. A construção do conto sugere a possibilidade de

existência de outro sujeito e isso pode ser comprovado justamente pela descrição da experiência contada pelo narrador que opera uma (des)construção do humano. Essa outra existência vai ganhando maior fôlego justamente após o narrador argumentar sobre os espelhos, as imagens que neles são vistas e também acerca do padecimento dos olhos por causa de viciação de origem. A narrativa de sua experiência é que irá propor um novo modelo de sujeito. Tal proposta, por sua vez, estabelece um diálogo estreitíssimo com o real, simbólico e imaginário psicanalíticos, evidenciado a seguir.

6 O EU POR DETRÁS DE MIM: confluências entre imaginário e simbólico

O experimento do narrador se inicia, por acaso, quando ele, no lavatório de um edifício público avista dois espelhos: um de parede e outro de porta lateral. Acompanhemos o narrador ao ver-se refletido:

[...] E o que enxerguei, por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento, espavor. E era — logo descobri... era eu, mesmo! O senhor acha que eu algum dia ia esquecer essa revelação? (ROSA, 2005, p. 63, grifos meus).

Em termos psicanalíticos, o estádio espelho comporta três fases. Fages (1971) assim sintetiza tais fases: na primeira, a criança concebe a imagem apresentada como a de um outro, na segunda, ela cessa de tratar a imagem como objeto real e não procurará mais pegar o outro escondido detrás do espelho. Finalmente, na terceira, ela reconhece o outro no espelho como sendo a própria imagem. Trata-se de um processo de identificação, uma conquista progressiva de identidade de sujeito.

O narrador do conto, ao mirar-se no espelho, em um primeiro momento não se reconhece e, em seguida, descobre que o perfil que se apresentava refletido era ele mesmo. O espelho fornece uma unidade, unifica o sujeito despedaçado e o força a aceitar aquela imagem como identidade. Diante da revelação especular, o narrador mostra-se descontente e por isso mesmo anuncia ao leitor: “Desde aí, comecei a procurar-me – ao **eu** por detrás de **mim** – [...]” (ROSA, 2005 p. 63, grifos meus). Paradoxal, ou melhor, redundante, em um primeiro momento, a declaração do narrador em procurar seu **eu** por detrás de si mesmo (**mim**). Como os estranhamentos são caríssimos para o texto literário, é preciso parar diante dessa fala **estranha** do narrador e

se perguntar: o que seria procurar o **eu** por detrás de **mim**? No enunciado, o **eu** e o **mim** não se referem ao mesmo sujeito da enunciação? Do ponto de vista linguístico sim, mas ao deslindar o texto, lapidar o estranhamento plantado na narrativa, ver-se-á que é possível ler o **mim** como a máscara usada pelo narrador que é, justamente, aquela mostrada pelo espelho, e o **eu** pode ser lido como o ser que ainda não fez o pacto com a cultura, não adentrou ao simbólico e por isso mesmo é preciso ser descoberto.

Buscar esse **eu**, por sua vez, parece ser o objetivo central desse narrador e para dar cabo a essa busca, ele vai operar com uma série de estratégias. Vejamos algumas:

[...] Eu, porém, era um perquiridor imparcial, neutro absolutamente. **O caçador de meu próprio aspecto formal**, movido por curiosidade, quando não impessoal, desinteressada; para não dizer o urgir científico. **Levei meses.**

Sim, instrutivos. **Operava com toda a sorte de astúcias: o rapidíssimo relance, os golpes de esguelha, a longa obliquidade apurada, as contra-surpresas, a finta de pálpebras, a tocaia com a luz de-repente acesa, os ângulos variados incessantemente.** Sobretudo, uma inenbotável paciência. Mirava-me, também, em marcados momentos — de ira, medo, orgulho abatido ou dilatado, extrema alegria ou tristeza. Sobreabriam-se-me enigmas. (ROSA, 2005, p. 64, grifos meus).

Essa busca do narrador pode ser comparada ao refugio do infante diante da realidade angustiante. Sobre isso, Hélio Pellegrino (1989), em **Édipo e a paixão**, assim comenta: “A vida, em seu fundamento, é sonho. Nascemos, aos poucos, do sonho imaginário para o sonho simbólico, que, em sua ordem, inclui o imaginário e o real e os transmite através da linguagem.” (PELLEGRINO, 1989, p. 318). Atravessado pelo imaginário, o ser humano jamais deixa de fantasiar sua morada primordial: a vida intra-uterina. O conto de Rosa (2005), considerando sua fabulação estética, responsável por seu aspecto perenizador, parece fazer um mergulho no imaginário, explorando sua potência de criação. Tal mergulho, considerando o excerto acima, é flagrável pela vontade do narrador em querer caçar seu próprio aspecto formal, resgatar o **eu** fragmentado, despedaçado que a cultura enforma, uniformiza, desfigura.

A vontade desse narrador é tenaz, espalhando-se pelo texto: “O senhor, como os demais, não vê que seu rosto é apenas um movimento deceptivo, constante. Não vê, porque mal advertido, avezado; diria eu: ainda adormecido, sem desenvolver sequer as mais necessárias novas percepções.” (ROSA, 2005, p. 64). O excerto põe em destaque a necessidade de se buscar **novas percepções** uma vez que a realidade em que se vive,

habitua, vicia a visão não permitindo que se alcancem outras percepções.

O experimento do narrador objetiva, também, essas outras percepções conforme ele mesmo sinaliza: “necessitava eu de **transverberar o embuço, a travisagem daquela máscara**, a fito de devassar o núcleo dessa nebulosa – **a minha vera forma**.” (ROSA, 2005, p. 64, grifos meus). Os termos em negrito, além de reforçar a empreitada do narrador de procurar o **eu** atrás de si mesmo, tornam possível interpretá-los como uma fuga desse narrador para os recônditos do imaginário como tentativa de encontrar sua **vera forma**. Essa fuga, no entanto, é sempre falha, incompleta uma vez que o sujeito já ascendeu à linguagem. Por outro lado, é através dessa confluência entre imaginário e simbólico que esse narrador é construído, tentando deixar transparente o disfarce imposto pela máscara, seu reflexo, ao olhar-se no espelho. E essa transverberação do embuço (o simbólico, a cultura) ocorre no curso do experimento do narrador que narra os resultados de sua investigação, tratados a seguir.

7 A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE DE (DES)NASCIMENTO DO SUJEITO

O experimento do narrador passa por algumas fases. Na primeira delas ele diz:

Saiba que eu perseguia uma realidade experimental, não uma hipótese imaginária. E digo-lhe que nessa operação fazia reais progressos. Pouco a pouco, no campo-de-vista do espelho, minha figura reproduzia-se-me lacunar, com atenuadas, quase apagadas de todo, aquelas partes excrescentes. (ROSA, 2005, p. 65, grifos meus).

Nesse primeiro momento, constata-se que a imagem que antes aparecia claramente refletida no espelho, causando, inclusive, espavor no narrador, se mostra a ele, agora, esmaecida. Ocorre, como ver-se-á a seguir, um desaparecimento gradativo da imagem, reforçando a leitura aqui realizada sobre um (des)nascimento do narrador. Sobre esse movimento de (des)nascimento, Pellegrino (1989) diz:

A criança, ao nascer, em função da angústia, **desnasce**. Volta para a **casa primordial**, cujo modelo está gravado em sua mente. É importante assinalarmos que a criança, nascida biologicamente, se refugia no útero fantasmado, arquétipo, negando, desta forma, o nascimento – e a realidade. (PELLEGRINO, 1989, p. 317, grifos meus).

À semelhança da criança, o narrador, em seu experimento nega a realidade, nega a cultura numa tentativa do que se poderia chamar de regresso à casa primordial. Outro indício disso é o tempo investido pelo narrador no experimento: são meses, anos conforme ele afirma. Esse período, por sua vez, pode ser comparado a uma gestação pela qual o narrador passa à medida que o conto se desenrola. Não é demais, inclusive, pensar no próprio leitor sendo gestado ao longo da leitura que realiza, haja vista o fato de a construção do texto prever um interlocutor marcadamente presente na narrativa: “SE QUER seguir-me, narro-lhe” (ROSA, 2005, p. 61).

Após o primeiro momento da investigação, em que o narrador se vê lacunarmente refletido no espelho, ele diz:

De golpe, abandonei a investigação. **Deixei, mesmo, por meses, de me olhar em qualquer espelho.**

Mas, com o comum correr cotidiano, a gente se aquieta, esquece-se de muito. O tempo, em longo trecho, é sempre tranqüilo. E pode ser, não menos, que encoberta curiosidade me picasse. Um dia... Desculpe-me, não viso a efeitos de ficcionista, inflectindo de propósito, em agudo, as situações. **Simplesmente lhe digo que me olhei num espelho e não me vi. Não vi nada.** Só o campo, liso, às vácuas, aberto como o sol, água limpíssima, à dispersão da luz, tapadamente tudo. **Eu não tinha formas, rosto?** Apalpei-me, em muito. Mas, o invisto. O ficto. O sem evidência física. Eu era — o transparente contemplador?... Tirei-me. Aturdi-me, a ponto de me deixar cair numa poltrona.

Com que, então, durante aqueles meses de repouso, a faculdade, antes buscada, por si em mim se exercitara! Para sempre? Voltei a querer encarar-me. Nada. E, o que tomadamente me estarreceu: **eu não via os meus olhos.** No brilhante e polido nada, não se me espelhavam nem eles! (ROSA, 2005, p. 66, grifos meus).

Os elementos em destaque no excerto acima evidenciam, como já dito, a passagem do tempo como sendo uma gestação que toma maiores contornos quando da afirmação do narrador no segundo e terceiro negritos. Olhar-se no espelho e não se vê seria o início da gestação, o brotamento do (des)nascimento desse narrador que busca a sua vera forma. Se, no primeiro momento, a imagem, a figura refletida pelo espelho esmaecera-se, representando uma espécie de morte do narrador, no segundo, dá-se início ao surgimento de um novo sujeito. Qual Fênix que ressurge das cinzas, o narrador ressurge dos cacos de sua imagem que o espelho lhe fornece. Além disso, ao questionar-se sobre não ter formas, um rosto, mais uma vez pode-se associar esse movimento do narrador com o estádio do espelho, apontando para seu (des)nascimento. Afinal, não ter

formas, um rosto, seria justamente estar despedaçado, fragmentado, vivendo no sonho imaginário que ainda não foi desmanchado pelas imposições da cultura.

Finalmente, no terceiro momento da investigação do narrador dá-se seu (des)nascimento:

Pois foi que, **mais tarde, anos, ao fim de uma ocasião de sofrimentos grandes**, de novo me defrontei — não rosto a rosto. **O espelho mostrou-me. Ouça. Por um certo tempo, nada enxerguei. Só então, só depois: o tênue começo de um quanto como uma luz, que se nublava, aos poucos tentando-se em débil cintilação, radiância.** Seu mínimo ondear comovia-me, ou já estaria contido em minha emoção? Que luzinha, aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa? Se quiser, infira o senhor mesmo.

São coisas que se não devem entrever; pelo menos, além de um tanto. São outras coisas, conforme pude distinguir, muito mais tarde — por último — num espelho. Por aí, perdoe-me o detalhe, eu já amava — já aprendendo, isto seja, a conformidade e a alegria. **E... Sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda-nem-rosto — quase delineado, apenas — mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal... E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só. Só.** Será que o senhor nunca compreenderá? (ROSA, 2005, p. 67-68, grifos meus).

Da mesma forma que existem três etapas pelas quais a criança passa até reconhecer a imagem que vê no espelho como lhe sendo própria, uma imagem imposta e que também se impõe pelo olhar do outro, o narrador atravessa três fases em sua experimentação conforme foi visto até aqui. Uma diferença, porém, marca o experimento do narrador: enquanto a criança é arrancada de seu mundo imaginário, forçada a entrar na vida social, tornando-se o ser da cultura, o narrador, por meio do literário, regressa ao imaginário para, em seguida, renascer. Existe uma proposta no conto que nega o paradigma cultural em que o homem tem vivido. Rosa (2005), ao propor a morte do narrador (em nível simbólico e a partir da construção textual), propõe talvez o nascimento de um novo sujeito conforme menciona Goulart (2008) em sua análise publicada no artigo **Machado e Rosa nos veem no espelho**. Vejam-se, por exemplo, nos termos negritados na passagem acima, como o (des)nascimento desse narrador acontece, o que se vê quando ele diz que depois de uma ocasião de sofrimentos grandes, voltou a se olhar no espelho. À semelhança de um recém-nascido, que quando expulso do útero sofre as dores de ser parturejado, o narrador, em processo de metamorfose, desnasce para nascer. Esse (des)nascimento, por sua vez, mostra-se como

uma nova possibilidade de sujeito: talvez despregado, ou quase, da força alienante da cultura. As expressões “débil cintilação” e “radiância” apontam justamente para a ideia de começo, uma outra gênese para esse narrador que começa a tatear outra vez o mundo.

Talvez a proposta de Rosa em se buscar uma nova identidade para o sujeito, conforme aventa Goulart (2008) em sua análise comparativa entre Machado de Assis e Guimarães Rosa, efetue-se, no plano literário, através da pungência do texto literário, que, mais do que responder, planta questões e joga com várias indagações espalhadas no conto. Essa proposta de um novo sujeito radicaliza-se quando o narrador descreve a visão que teve de seu rosto que é **novo**, um “ainda-nem-rosto – quase delineado, apenas – mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal... E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só. Só.” (ROSA, 2005, p. 68). Percebam a gradação da descrição desse novo sujeito que toma outras formas que, por sua vez, ainda não são bem delineadas e tem rosto “de menos-que-menino”. (ROSA, 2005, p. 68). Essa qualificação do novo rosto força o leitor a imaginar, conceber o que seria menos que menino, ou melhor, quais formas, contornos, teriam esse novo rosto, por extensão, essa nova identidade, esse novo sujeito.

8 (IN)CONCLUSÕES: você chegou a existir?

O narrador rosiano questiona, indaga, planta dúvidas e incertezas. Com **palpos de aranha**, ele tateia seu interlocutor a partir de um discurso de caráter expositivo-argumentativo à medida que vai desenvolvendo as etapas de seu experimento com o espelho.

A proposta autoral do conto, conforme pôde ser percebida na proposta de leitura aqui desenvolvida, aponta para um (des)nascimento do sujeito que se opera via literatura e se materializa a partir da estética de criação do conto, entendendo estética a partir da proposta de Schiller (apud GOULART, 2015). Já imerso no mundo da cultura, embora o sujeito sempre seja arrebatado pela força do imaginário, Rosa (2005) desenvolve seu conto explorando essa dimensão que atravessa o sujeito em toda sua existência. Mais do que isso, a proposta autoral do conto aponta, como acentuado na análise, para uma possível existência de um novo e outro sujeito. A indagação final do narrador: “Você chegou a existir?” (ROSA, 2005, p. 68), ao findar da leitura, permanece em aberto. Isso

porque, mais do que responder, o texto literário planta questões, faz brotar dúvidas e, tragando o leitor para suas tramas, fá-lo, ao mesmo tempo em que lhe reflete múltiplas imagens, encontrar consigo mesmo, sinalizando possibilidades para ser um outro, mesmo sendo o mesmo.

KEEK AND LOOK: (dis) birth of the subject in the plots of the literary text: a reading of the tale “O espelho”, by Guimarães Rosa

ABSTRACT

*This paper aims to read the tale **O espelho**, by Guimarães Rosa (2005), focusing on the imaginary point in psychoanalytic terms, in relation to the enunciative construction of tale that suggests the birth of a new and other subject. Therefore, theoretical contributions were used originated the theory of enunciation from Benveniste (1989), as well as creating categories of the subject by psychoanalysis, namely: the real, the symbolic and the imaginary from Fages (1971). The scope of work is a critical reading and, therefore, were intertwined theoretical foundations and analytical tale practice.*

Key words: *Enunciation. Imaginary. Subject.*

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, É. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães et al. 2. ed. Campinas: Pontes, 1989. v. 2. p. 81-90.

CANDIDO, A. O direito à literatura. (1988). In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo, Rio de Janeiro: Duas Cidades, Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

FAGES, J. B. **Para compreender Lacan**. Rio de Janeiro: Rio, 1971.

GOULART, A. T. **Entrando no terreno da fruição do texto**: os mecanismos da estética. Portal Paideia de Literatura. [Online]. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/portalaideiadeliteratura/home/entrando-no-terreno-da-fruio-do-texto-os-mecanismos-da-esttica>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

GOULART, A. T. **Machado e Rosa nos vêem no espelho**. Revista Asas da Palavra, Belém/PA, v. 10, n. 24, p. 53-70, 2008.

GOULART, A. T. Poética e gênese literária. **Remate de males**. Remate de Males, Campinas, v. 18, p. 25-59, 1998. Disponível em: <<file:///E:/Documents/Downloads/8636135-5798-1-PB.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

LINHARES, V. L. Mire e veja: (des)nascimento do sujeito nas tramas do texto literário: uma leitura do conto “O espelho”, de Guimarães Rosa. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 2, p. 105-120, dez. 2015.

PLATÃO (?428 a.C.–?327 a.C.). **Diálogos III**: A República. Tradução de Leonel Vallandro. 22. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--].

PELLEGRINO, H. Édipo e a paixão. In: NOVAES, A. (Org.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ROSA, J. G. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Recebido em: 31 jul. 2015.

Avaliado em: 31 ago. 2015.

Publicado em: 31 dez. 2015.

Como referenciar este artigo científico:

LINHARES, V. L. Mire e veja: (des)nascimento do sujeito nas tramas do texto literário: uma leitura do conto “O espelho”, de Guimarães Rosa. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 2, p. 105-120, dez. 2015.

LINHARES, V. L. Mire e veja: (des)nascimento do sujeito nas tramas do texto literário: uma leitura do conto “O espelho”, de Guimarães Rosa. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 2, p. 105-120, dez. 2015.